

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)  
ALERJ

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

SOUZA, Arlindenor Pedro de. *Arlindenor Pedro de Souza (depoimento, 1999)*. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 2003.

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CPDOC/FGV e ALERJ. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**ARLINDENOR PEDRO DE SOUZA**  
**(depoimento, 1999)**

### *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Américo Oscar Freire; Marieta de Moraes Ferreira

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 12/01/1999

duração: 2h 55min

fitas cassete: 03

Entrevista realizada pelo Núcleo de Memória Política Carioca e Fluminense, criado pelo convênio entre a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) e o CPDOC-FGV, em 1997. O Núcleo se constitui em um centro de produção intelectual e referência documental sobre a história política da cidade e do estado do Rio de Janeiro. Entre outros resultados, ele publica as entrevistas editadas na coleção "Conversando sobre Política".

Esta entrevista está disponível para consulta apenas em sua versão publicada em livro: Vozes da oposição: depoimentos de Lysaneas Maciel, Heloneida Studart, Modesto da Silveira, Iramaya de Queiroz Benjamin, Raymundo de Oliveira, Arlindenor Pedro de Souza, Francisco Amaral e Jó Rezende / Organizadores Marieta de Moraes Ferreira, Dora Rocha e Américo Freire. Rio de Janeiro, Graflin, 2001.

temas: Ato Institucional, 5 (1968), Centro de Cultura Popular, Colégio Pedro II, Comunismo, Educação, Eleições, Golpe de 1964, Guerrilha Rural, Guerrilha Urbana, Leonel Brizola, Lysâneas Maciel, Movimento Democrático Brasileiro, Movimento Estudantil, Partido Comunista Brasileiro, Partido Comunista do Brasil, Partido dos Trabalhadores, Preso Político, Socialismo, União Nacional dos Estudantes.

## **Entusiasmo e ruptura**

*Quais são suas origens? Quando nasceu, onde se criou?*

Nasci no dia 15 de agosto de 1947 em São Cristovão, no Rio de Janeiro, e morei um bom tempo da minha juventude no Grajaú. Sou filho único, minha mãe era desquitada, morava no subúrbio, em Padre Miguel, mas tinha como objetivo que eu morasse num bairro que propiciasse contato com pessoas de uma classe mais alta que a dela. Devido a problemas financeiros eu tinha passado boa parte da minha infância internado em escolas conveniadas com o governo. Enfim, ela queria me proporcionar um outro modo de vida. Fomos para o Grajaú, e ali eu vivi aquele tempo do fim dos anos dourados e de efervescência estudantil.

O Grajaú era um bairro muito típico, muito conservador. Creio que hoje não é mais, a classe média ficou mais pobre e perdeu a empáfia. Mas, naquele tempo, muitos militares moravam no Grajaú e na Tijuca, Lacerda ganhava ali todas as eleições. Era uma base política da classe média, uma base eleitoral conservadora. O fato de ter crescido ali me marcou muito, porque eu era pobre, filho de mãe desquitada, mulato, e não era ligado àquelas pessoas. Não gostava daquele ambiente, me sentia discriminado. Acabei encontrando uma turma na praça Verdun, que ficava na fronteira com o Andaraí. Eram jovens diferentes dos que viviam no Grajaú, menos ricos, e no meio deles não existia discriminação. Muitos descambaram para a marginalidade, mas outros se interessaram por política. Foi a esses que me liguei, e isso modificou o rumo da minha vida.

*Em que colégio o senhor estudou?*

Estudei na escola pública do Grajaú, a Escola Francisco Manuel, e depois fiz exame de admissão para o ginásio no Rivadávia Correia, que ficava no centro da cidade, na avenida Presidente Vargas. Quando o Lacerda ganhou a eleição, mudou o currículo do Rivadávia Correia, que virou escola experimental. Até então, só meninas estudavam ali. Fui da primeira turma mista. Aquele foi o grande período da minha vida de garoto porque, além

de conhecer grandes mestres, passei a ter contato com pessoas interessantes. Nós tínhamos um bonde na hora da saída, o 68, Uruguai-Engenho Novo, que pegava todo mundo, de todas as escolas que ficavam no trajeto. Íamos juntos para casa numa viagem interminável. O Luís Alfredo Salomão, por exemplo, que hoje é deputado federal pelo PDT, fazia parte do nosso bonde. Pegávamos também as garotas daquela escola normal Sara Kubitschek, ao lado do Liceu de Artes e Ofícios. Era uma viagem muito divertida, durante a qual fazíamos uma grande baderna estudantil.

Mas o importante é que o Rivadávia Correia era um centro de ebulição política, um lugar de muita movimentação. Foi ali que eu saí fora daquele mundinho grajauense, conservador, onde tinha dificuldade de me relacionar com as pessoas, pois existia aquela coisa de racismo, e passei a entrar mais pelo caminho da política, da contestação. Era um mundo onde as pessoas não tinham as preocupações dos jovens do Grajaú, de se vestir na moda, de ir a festinhas. É verdade que algumas pessoas de esquerda viveram no Grajaú, como o advogado e ex-deputado Marcelo Cerqueira, mas eram minoria.

Conheci também naquela época muitas pessoas de esquerda que estudavam no Pedro II: Maurício Dias David e Beatriz, que hoje são casados, economistas, e eram então, ela, uma dirigente estudantil ligada ao Partidão, que dominava o grêmio do Pedro II, e ele, uma espécie de capa-preta do movimento secundarista comandado pelo partido; Astrogildo Toledo Filho, grande agitador estudantil, excelente orador, meu colega da praça Verdun; o irmão dele, Sérgio Toledo, presidente do grêmio do Pedro II Anexo... Foi junto com essas pessoas que passei a frequentar a UNE, na Praia do Flamengo. Nós íamos muito à UNE, que era um centro de efervescência política e um lugar de encontro. Havia um piano de cauda no terceiro andar onde o pessoal tocava e ouvia Bossa Nova — Maurício Vinhas, Sérgio Ricardo, Carlinhos Lyra, enfim, toda aquela gente do CPC,<sup>1</sup> líderes estudantis, artistas do Cinema Novo, do teatro.... Nós participávamos da vida cultural da época, íamos ao cinema Paissandu, assistíamos a debates... Era um deslumbramento só: eu, um jovem

---

<sup>1</sup> O Centro Popular de Cultura (CPC) foi criado em 1962, no estado da Guanabara, por intelectuais de esquerda ligados à UNE como Oduvaldo Viana Filho, Leon Hirzman e Carlos Estevam Martins. Seus fundamentos e objetivos foram divulgados em manifesto de agosto daquele ano: criar e divulgar uma “arte popular revolucionária” que seria um instrumento para o brasileiro conhecer a realidade opressora e com ela romper. A proposta do CPC recebeu posteriormente a adesão de muitos outros intelectuais, tais como Ferreira Gullar, Paulo Pontes e Carlos Lyra. Vários Centros foram criados pelo país, mas todos foram fechados após o golpe militar de 31 de março de 1964. Alguns dos antigos participantes do CPC do Rio continuaram atuando, seja no Grupo Opinião, seja no Cinema Novo. Ver *DHBB*, op. cit.

estudante do Grajaú, estava descobrindo o mundo! Aqueles foram dias que, para mim, valeram cem anos. Foi já dentro desse círculo de pessoas que, aos 16 anos, vi o golpe militar de 64 acontecer.

*Que série o senhor cursava então?*

Eu estava no segundo ano ginasial, se não me engano. Entrei na escola muito tarde. Anteriormente, eu também tinha conhecido alguns estudantes que me levaram para o Curso José Oiticica, no centro da cidade, onde a Polop fazia reuniões. A Polop era uma organização que se estruturava através de uma revista chamada *Política Operária*, e havia lá um jornalista muito ativo, que assinava uma coluna no *Diário de Notícias*, de quem eu gostava muito: era o Muniz Bandeira, hoje renomado professor, cientista político com vários livros publicados. Naquela época o Muniz Bandeira era jovem, bonitão, cabelos esvoaçantes tipo Trotski, bem radical, e freqüentava esse Curso José Oiticica, que a Polop dividia, dia sim dia não, com os anarquistas. Era muito interessante. Tinha aqueles retratos do Proudhon, Bakunin, pregados nas paredes. Eu não sabia nada sobre eles. Ouvia o Muniz Bandeira ler Lenin em francês... Uau! Eu ficava deslumbrado. Um garoto de subúrbio, entrando no ginásio, tomando contato com essas coisas! A política entrou na minha vida nesse período, um pouco antes de 64. Aí veio a ruptura.

*Além do PCB, grupos como a Polop participavam naquela época do movimento estudantil?*

Participavam. As grandes forças políticas no movimento secundarista eram a AP, a Ação Popular, que tinha uma parte católica e uma outra que namorava a esquerda, e o PCB. Mas tinha também o PC do B, que naquele momento ainda era muito fraco, pelo menos no movimento secundarista do Rio de Janeiro, e a Polop. Eu estava mais ligado à política da Polop, que era onde estavam os meus amigos. Quer dizer, não era um militante, apenas participava daquele curso, estava tomando contato com as coisas.

Em 1963 realizou-se um congresso da AMES<sup>2</sup> — foi o último congresso da AMES antes de 64 — no Colégio Estadual Ferreira Viana, e a AP estava lá. A AP era muito interessante, porque ela atuava principalmente junto às escolas católicas, e então vinham para o congresso, de ônibus, aquelas moças com vestidos um pouco mais compridos, de cara séria. O PCB já atuava mais nas escolas públicas, e a Polop era sempre tida como mais à esquerda do partido. Mas, naquela época, todas as correntes que depois formaram as diversas organizações de esquerda que optaram pela luta armada ainda estavam dentro do Partidão. O Partidão era a grande força de esquerda. Quando as duas forças, AP e PCB, se uniam, davam a tônica do movimento estudantil. Existia também uma direita, muito bem articulada, tanto no movimento secundarista quanto no movimento universitário, principalmente nas escolas particulares.

Nesse congresso da AMES, o Muniz Bandeira escreveu um panfleto ultra-radical, falando em revolução e outras coisas mais. Fui escolhido para distribuir o panfleto entre os delegados — eu não era delegado — e, quando comecei, houve um certo corre-corre, um mal-estar. As lideranças católicas ficaram horrorizadas. Os líderes do Partidão disseram que o panfleto era uma provocação — estavam tentando atrair a AP para um acordo contra a direita — e pediram a minha retirada do congresso. Tive que fugir e fiquei um tempo escondido. Já comecei bem a minha militância política: criando confusão...

*Como o senhor viu o golpe, aos 16 anos, despertando para a política?*

O golpe, realmente, nos deixou atordoados: ninguém esperava. Nós tínhamos aquela idéia de que as Forças Armadas iriam ficar do lado do governo. Assisti a um episódio na Cinelândia que traduz muito bem isso. Tem o Clube Militar ali, e o povo todo foi para a porta do Clube protestar contra os golpistas. Quem estava em torno do Clube Militar, para impedir que o povo entrasse, era a Polícia Militar, que era lacerdista. O povão ficava querendo invadir, vaiando a PM, aquela movimentação, quando, de repente, sai a Polícia Militar e chega a PE. A PE foi aplaudida pelo povo, que julgava que ela estava ali para defendê-lo e atacar os golpistas! Mas começaram a dar tiro no povo! Ninguém entendeu nada! Foi um negócio terrível, o povão gritando, correndo, gente caindo, gente baleada...

---

<sup>2</sup> Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas.

Nós não estávamos entendendo porque não tínhamos informações, mas estávamos em pleno calor do golpe militar. Era o dia 1º de abril.

Eu me lembro que aquele dia foi até meio chuvoso, e não havia ônibus, porque houve uma greve geral. Andei do Grajaú até a cidade com o Astrogildo e o Sérgio Toledo para saber o que estava acontecendo e depois, sempre a pé, vim até a UNE, no Flamengo. Quando cheguei lá, estavam jogando pelas janelas máquinas de escrever e outras coisas que existiam no prédio da UNE — o prédio tinha acabado de sofrer uma reforma, estava lindo. O pessoal do MAC, Movimento Anticomunista, estava ateando fogo ao prédio... Uma tragédia! E nós assistindo, sem poder fazer nada, revoltados e com medo. Chegamos a tirar os adesivos com a bandeira do Brasil do nosso peito para não sermos reconhecidos, pois quem estava com o golpe usava um lenço branco como identificação. Depois, os jornais disseram que foram os estudantes de esquerda que atearam fogo à UNE. Não é verdade. Esse episódio todo, desde a Cinelândia, exemplifica muito bem como é que nós ficamos: perplexos.

Alguns dias antes eu tinha assistido a uma palestra no Curso José Oiticica onde todos foram unânimes em dizer que não haveria golpe a partir das Forças Armadas, que eram todas democráticas e legalistas. Se houvesse golpe, viria do Brizola, contra o Jango. Pois sim! Acabada essa situação toda, nós nos recolhemos, derrotados. Voltei para o meu mundinho do Grajaú, me afastei por um período da política militante e nunca mais quis saber de nada com os trotskistas. Ainda participei da eleição do Negrão de Lima em 65, mas os meus amigos não queriam nada com campanha eleitoral. Havia um movimento contra a ditadura, o MCD, se não me engano dirigido pela AP, que nesse momento se desvinculou completamente da Igreja Católica e passou a fazer propaganda do voto nulo.<sup>3</sup>

## **No movimento estudantil**

*O senhor terminou o secundário no Colégio Rivadávia Correia?*

---

<sup>3</sup> O Movimento Contra a Ditadura (MCD) foi proposto por militantes da AP durante o XVIII Congresso da UNE, em junho de 1966. A proposta do MCD era congregar estudantes, operários e trabalhadores rurais na luta pelo retorno à legalidade democrática. Nas eleições de novembro de 1966, o MCD defendeu o voto nulo e a colocação da sigla do grupo nas cédulas. Essa posição foi, porém, alvo de críticas no movimento estudantil, já que os militantes ligados ao PCB a consideravam radical. Ao longo de 1967 o MCD foi

Não. Fiz no Rivadávia o primeiro e o segundo anos do ginásio, até que um dia houve uma briga muito grande envolvendo os alunos. O pessoal do Pedro II invadiu o Rivadávia, e acharam que a culpa era minha, que o problema era político, quando na verdade não era. O que acontecia era que o pessoal do Pedro II, de quem eu era amigo, ia para a porta do Rivadávia paquerar as garotas da escola, e os garotos do Rivadávia não gostavam muito daquilo. Houve uma briga, e o pessoal do Pedro II veio com força total, cercou o Rivadávia, apedrejou etc. Fui considerado o pivô da história, porque mantinha ligações com eles, e além do mais era político. A direção não gostava de mim e pediu para eu sair. Fui então para o Orsina da Fonseca, também da rede pública. Lá fiquei dois anos e concluí o ginásio, apesar de também ter tido problemas com o diretor. Eu sempre tinha a idéia de formar um grêmio, mas os diretores eram contra, tinham medo. Depois do Orsina ainda passei pelo Ferreira Viana, onde criei um jornal chamado *Mensagem Estudantil*, que foi invadido pelo Dops, pelo famoso inspetor Mário Borges — eles puseram a diretora incomunicável numa sala e disseram que queriam saber quem fazia o jornal —, e afinal voltei para o Rivadávia, onde consegui, finalmente, criar o grêmio. Fui eleito presidente do grêmio e com isso me tornei uma pessoa importante, chave, dentro do movimento secundarista, que então estava no auge. Mas, voltando à pergunta, não terminei o secundário no Rivadávia, e sim numa escola particular. Àquela altura, o negócio era acabar o secundário e *não* ir para a universidade. Fiz então o curso de torneiro mecânico no Senai e me tornei “operário”.

*Reconstituindo sua militância política durante esse período: o senhor se afastou da Polop depois do golpe?*

Sim. Eu não queria mais nada com a Polop. A Polop não era uma organização com uma estrutura de células, a relação era muito mais pessoal. Depois do golpe tudo mudou, muita gente fugiu, Muniz Bandeira e outros, e nós ficamos muito desarticulados. E eu também não estava no centro de decisões da Polop, era muito novo, era uma pessoa mais

---

perdendo representatividade e seus membros se engajaram em outras organizações de esquerda. Ver *DHBB*, op. cit.



periférica. Perdi o contato com a Polop e fui me ligando mais ao movimento estudantil mesmo, onde o PCB tinha hegemonia. Mas também não era uma coisa muito organizada. A principal base disso estava no Pedro II, e o objetivo era reorganizar a AMES. Então foi feito um congresso no Sindicato dos Metalúrgicos, em 1966, em que o Astrogildo, que era meu amigo, foi eleito presidente da AMES. Nós fazíamos oposição ao acordo MEC-Usaid, lutávamos por mais verbas públicas para a educação, pela democratização do ensino, pela independência dos grêmios estudantis... A AMES se fortaleceu e acabei participando de uma diretoria e tendo contato com pessoas mais ligadas à Ala Vermelha do PC do B.

*Como era a Ala Vermelha do PC do B? Em que se distinguiam a ala e o partido?*

O PC do B era um partido que se articulava com a China, que não tinha muita expressão no movimento estudantil do Rio, mas era muito considerado. Não era um grupo, era um partido mesmo, constituído em bases marxistas. E naquele momento, também dentro dele surgiu um movimento baseado em alguns comitês regionais, principalmente de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, que passou a não aceitar o comitê central. Os participantes desse movimento diziam que o PC do B, na verdade, era igual ao PCB. Para eles, como o PC do B não aceitava a chamada teoria do foco e da luta armada urbana, era um partido revisionista, exatamente como o PCB. Esse grupo era chamado de Ala Vermelha. Conheci essas pessoas dentro do movimento estudantil e passei a ter mais contato com elas.

A Ala Vermelha do PC do B se colocava como leninista, mas na verdade era também maoísta. Suas referências teóricas eram Marx, Engels, Lenin, Stalin e Mao. Ela sofria uma influência muito grande da Revolução Cultural que estava se desdobrando na China. Naquele momento Mao Tsé-tung tinha se rebelado contra o comitê central do seu próprio partido, e isso tinha influenciado muito os integrantes da Ala. Seus princípios se baseavam no chamado Documento de 16 Pontos, aprovado pelos comitês regionais que se rebelaram contra o comitê central do PC do B, que, para eles, negava a necessidade da luta armada como solução para se enfrentar a ditadura militar. Na verdade eles não sabiam da existência do trabalho no Araguaia, que só veio a público mais tarde. A abordagem da luta armada era o grande divisor de águas dos militantes de esquerda naquele momento.

*Quando o senhor se ligou a essa Ala Vermelha dentro do movimento estudantil, ainda estava preocupado em terminar o secundário, ou a escola tinha-se tornado apenas um espaço de luta política?*

A escola se tornou realmente um espaço de luta política. Eu me lembro que naquele período havia um grande movimento na juventude, entre os meus amigos, de revolução dos costumes, com os Beatles etc. Um dia, conversando com o Astrogildo, eu até disse que me sentia frustrado — ele também — porque não participei ativamente daquelas coisas, que foram tão importantes. Mas nós víamos aquilo como ópio imperialista... Passei a achar, como todos os que me cercavam, que éramos pessoas especiais, quase que eleitas, e que tínhamos a missão de fazer a revolução social no Brasil, de construir um novo país. Tínhamos aquela visão de que todas as gerações tinham falhado, mas nós iríamos mudar o Brasil. Para fazer isso, era preciso ter força de caráter, honestidade, rigidez revolucionária, uma postura de vida completamente voltada para a revolução social. Não éramos mais simples jovens estudantes. Tínhamos amadurecido, éramos revolucionários, prontos a dar a vida por aquilo em que acreditávamos.

Nós, da Ala Vermelha, nos considerávamos ainda mais comprometidos, pois além de estudar os clássicos estávamos envolvidos com o pensamento de Mao Tsé-tung. Quando eu conheci a dialética, o materialismo histórico, me transformei completamente. Passei a viver dentro daqueles princípios, muitos deles dogmáticos, influenciados pelos pensamentos de Stalin. A Ala Vermelha também criticava muito os outros grupos que iam surgindo, considerava-os pequeno-burgueses, enquanto ela mantinha aquela característica de estudar, de fazer seminários, como chamávamos na época. Eram padrões oriundos do PC do B.

### **De militante da Ala Vermelha a quadro do PC do B**

*Mil novecentos e sessenta e oito foi um ano-chave para o movimento estudantil: passeatas, repressão, Congresso de Ibiúna, prisões, AI-5, entrada na clandestinidade. Como o senhor viveu esse processo? Como a Ala Vermelha reagiu a ele?*

Realmente, com o AI-5, travou-se uma discussão na Ala Vermelha sobre se nós deveríamos continuar dentro do movimento estudantil ou não. Era uma situação muito estranha. Você estudava com uma pessoa, de repente aquela pessoa sumia, e depois a cara dela aparecia naqueles cartazes com retratos que o governo colocava nas rodoviárias, aeroportos etc., com os dizeres “procura-se”. O cara tinha entrado direto na clandestinidade! O chamado movimento de massas realmente começou a declinar, e as pessoas passaram a se colocar mais do ponto de vista da luta armada.

Nós, da Ala Vermelha, optamos pelo seguinte: iríamos nos tornar operários. Achávamos que não fazia sentido a vida burguesa, que todo aquele movimento de estudantes não levaria a nada, porque estudante não faz revolução. Eu decidi: vou ser operário. Nós tínhamos os nossos núcleos, mas quase todos eram de estudantes, e apenas um era de operários. Era necessário formarmos outros, para levarmos a ideologia operária para dentro do partido. Acreditávamos que se a pessoa fosse operária estaria mais próxima da revolução, devido à origem de classe. Deveríamos negar as nossas origens de classe média. Vivíamos muito dentro desses conceitos.

*Como membro da Ala Vermelha em algum momento o senhor chegou a participar de uma ação armada?*

Não. Eu era elemento de apoio, alugava aparelhos, comprava suprimentos, levava arma para lá, arma para cá... Mas não queria levar a vida dos que participavam dos grupos especiais da Ala Vermelha, que viviam somente para as ações armadas, atentados, roubos de bancos etc. Quando algum integrante desses grupos tinha que encontrar com a namorada, por exemplo, nós o levávamos até um aparelho, uma casa que alugávamos, e deixávamos o casal um dia ou dois ali sozinho para namorar. O que nós fazíamos era coisa muito amadora: saíamos com uma bolsa cheia de armas, pegávamos um ônibus e íamos para São Paulo, para entregar as armas a um cara que não conhecíamos. Havia senhas. Você ia com uma revista tal na mão, ou com um determinado tipo de capa, e aí o cara que ia receber as armas se aproximava e dizia uma coisa absurda, do tipo: “Aqui passa ônibus para o Ceará?” Você respondia uma contra-senha mais absurda ainda: “Não sei, porque sou

analfabeto.” Aí o diálogo se estabelecia, você entregava a mala e pronto, voltava para o Rio.

Nessa época, eu tinha uma companheira, a Rosa Maria, uma pessoa a quem eu estava muito ligado, que não era da Ala mas convivia muito. Ela estudava história no Instituto de Filosofia, História e Ciências Sociais, ali na rua Marquês de Olinda, que também era um centro importante. O PC do B, inclusive, dominava naquela época o diretório do Instituto. Entrava-se no diretório e via-se um retrato enorme do Mao Tsé-tung, outro de Stalin. Lógico, quando veio o AI-5 isso acabou. Assim como 64 foi para mim uma ruptura num conceito, numa visão de vida, o AI-5 também se transformou num marco. O AI-5 me empurrou, e a toda a minha geração, para a clandestinidade. Saí do Grajaú, da casa da minha mãe, e não disse para onde ia. Lembro que ela chorou muito quando fui embora... Casei com a Rosa Maria, mas não podíamos dar o nosso endereço a ninguém. Fomos morar em Guadalupe e passei a levar uma vida semiclandestina. Isso se passou enquanto eu estava fazendo o curso profissional. Depois fui trabalhar em fábrica, e foi muito difícil, porque eu não tinha experiência nenhuma. Uma coisa é você fazer o curso de torneiro mecânico, outra é ser torneiro mecânico... Foi um período muito duro para mim. Lembro que uma vez eu estava num trem apertado e disse assim: “Mas o que é que eu estou fazendo aqui, nesta situação?!” As lágrimas escorriam pelo rosto. Mas era aquele negócio, nós éramos pessoas escolhidas para fazer aquilo.

Esse foi um período na vida do país que a pessoas que não faziam política não têm consciência do que realmente representou. O país ainda não teve consciência de tudo o que aconteceu. Foi um período em que o que prevalecia era o medo, um medo coletivo. Se você dissesse a coisa certa para a pessoa errada podia simplesmente desaparecer. Foram tempos de medo, medo mesmo. As pessoas que me conheciam passavam por mim e desviavam, não falavam comigo. Eu, nós todos, passamos a viver uma vida muito difícil. Tudo censurado: jornais, música... A gente aprendia a ler as notícias nas entrelinhas. Houve um momento em que a minha única válvula de escape era ler o *Pasquim*. Quase que diariamente a Ala Vermelha perdia gente. Você lia no jornal: caiu fulano de tal, beltrano morreu. Os grupos especiais eram dizimados. Mesmo assim nós resistíamos. Apareceu muita oportunidade de deixar o Brasil e ir para o exterior, mas eu não queria. Achava que tudo aquilo ia passar, como na verdade passou.

*O senhor criou alguma célula na fábrica em que foi trabalhar?*

Criei várias células nas diversas fábricas em que trabalhei. Como eu não sabia nada do trabalho de torneiro mecânico, aprendi uma profissão, a de mecânico de máquina de costura industrial, e fui trabalhar na Epson, que é uma fábrica grande, depois na De Millus, e em várias outras. Sempre com aquela idéia de ganhar as pessoas, de formar células. E formamos várias, mesmo com dificuldade. Ao mesmo tempo eu fazia o trabalho de assistência. O assistente é uma figura importante dentro das organizações de esquerda, é a pessoa que assiste à célula. Na clandestinidade, ele é o elo com a direção. É o chamado capa-preta. Tem um poder muito grande sobre as vidas das pessoas, principalmente num momento de clandestinidade rígida. Eu, por exemplo, era do comitê regional da Ala Vermelha do PC do B e levava as resoluções para as células, principalmente as células operárias.

*A Ala Vermelha chegou a discutir a possibilidade da guerrilha rural?*

Não. A Ala Vermelha não tinha essa visão, tinha a visão da guerrilha urbana. Só mais tarde fiquei sabendo que o PC do B estava desenvolvendo a guerrilha rural no Araguaia. Era o chamado conceito de guerra popular, que o PC do B trazia da revolução chinesa. Mas nós não sabíamos. Eu não conhecia, na verdade, o PC do B, conhecia o pessoal da Ala. Mas a Ala começou a se desfazer, porque as pessoas começaram a sair e a entrar para outros grupos, ALN, VPR, Var-Palmares... Havia muita divergência entre os militantes. Na verdade, a derrota não une ninguém, só a vitória une. Muitos amigos foram saindo, e comecei a pensar: “Acho que talvez o caminho seja ter um contato com o pessoal do PC do B.” Eu via que aquela história de ficar enfrentando os militares na cidade, com guerrilha urbana, não estava dando certo. Conhecia algumas pessoas do PC do B e acabei pedindo ingresso no partido. Isso já foi em 1972, por aí. Nessa época eu já era muito conhecido no meio político. As pessoas todas se conheciam.

*O senhor sofria perseguição nessa época?*

Sofria. Agora, eles não conseguiam ligar o meu nome legal ao meu nome de guerra. Perseguiam muito o meu nome de guerra, mas nunca tinha acontecido, até então, de pessoas ligadas a mim serem presas. As prisões que houve foram prisões para cima. Mas esse foi também um período de certa confusão na minha cabeça. Estávamos no chamado refluxo, houve a morte do Marighela...<sup>4</sup> Aliás, esse foi um dia que me marcou muito. Um amigo me levou à Zona Sul — eu pouco ia à Zona Sul — e fomos a um bar tomar chope. Havia uma mesa enorme, com todo mundo se divertindo, e achei aquilo um absurdo: as pessoas se divertindo e Marighela morto! Elas não estavam nem aí! Quer dizer, o chamado ódio de classe se acirrava cada vez mais dentro de mim. Vontade de ir para a luta armada, para a luta no campo, no Araguaia...

Embora eu quisesse ir para o Araguaia, o PC do B achou melhor eu ficar e continuar o meu trabalho nas fábricas. O PC do B tinha uma visão um pouco parecida com a do PCB nessa questão: o trabalho principal deve ser junto ao povo, deve ser o trabalho de massas, o trabalho sindical. Ele desvinculava a questão da luta armada das células, das bases reais do partido. Era um partido menos voluntarista, com mais disciplina, que funcionava melhor. Não era um grupo, como a Ala Vermelha, era uma coisa com um peso maior. Havia o chamado centralismo democrático. A organização era melhor estruturada, tinha uma tradição, tinha contato internacional. Passei a ouvir a Rádio Pequim, que burlava a censura e contava em português as histórias que aconteciam aqui no Brasil. Ouvia muito também a Rádio Albânia.

*Depois que se filiou ao PC do B nada mudou no seu dia-a-dia? O senhor continuou seu trabalho nas fábricas?*

---

<sup>4</sup> Carlos Marighela foi membro do comitê central do PCB, mas após o golpe de 64 passou a defender a luta armada como único caminho possível para a revolução. As divergências com a direção do partido se acirraram, até que em 1967 foi expulso de seus quadros. Organizou então, juntamente com outros comunistas descontentes com a orientação pacifista do PCB, a Ação Libertadora Nacional (ALN) com vistas à organização da guerrilha urbana. Em 4 de novembro de 1969, após participar das ações mais ousadas da luta armada, como o seqüestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick, foi fuzilado em São Paulo por uma equipe policial chefiada pelo delegado Sérgio Fleury. Ver *DHBB*, op. cit.

Na verdade, não. Houve o seguinte: um dia eu fui para a fábrica onde estava trabalhando e encontrei na entrada a Flora Abreu, que hoje dirige o comitê Tortura Nunca Mais, e o Alcir Abreu, marido dela e na época meu assistente, que disseram que eu não podia mais ficar lá, pois tinha sido destacado para outras tarefas. Eu dominava bem a linha política do partido, tinha uma boa cultura, conhecia os clássicos, enfim, era um quadro, e seria mais útil como assistente. Nessa época o PC do B estava querendo reorganizar a UJP, União da Juventude Patriótica, que já tinha existido anteriormente, mas tinha sido desbaratada — chegou até 1970, mais ou menos, e teve força nas escolas médicas. Quando o PC do B me convocou, junto com outros militantes, para reorganizar a UJP, saí da fábrica, fiz um concurso para o INPS e passei. E foi bom, porque aí eu tinha uma vida legal, tinha um salário e podia me dedicar mais ao trabalho interno do partido, que naquele momento estava numa situação difícil, devido à questão do Araguaia.

*O que fazia exatamente a UJP?*

A UJP era uma organização de jovens semiclandestina que tinha uma visão de massas. Trabalhava principalmente nos subúrbios, e com a Igreja Católica. As igrejas talvez fossem, naqueles dias, os únicos lugares onde os jovens podiam se reunir para trocar idéias sobre a miséria do povo. Existiam bispos, como o de Nova Iguaçu, que estavam francamente do lado do povo e incentivavam os jovens a organizá-lo na luta por seus direitos.

Por outro lado, nesse período, nós também já estávamos convivendo com um processo político de maior abertura, embora ainda existisse a repressão do Doi-Codi. O povo passou a votar no MDB, que em 1974 teve uma votação bastante expressiva. Ninguém esperava por aquilo, nem a ditadura, nem muito menos nós, da esquerda. Ficamos embasbacados. É que nós estávamos levando uma vida muito à parte. Eu, por exemplo, vivia um outro mundo: vivia na Baixada, no trabalho sindical, no trabalho com a Igreja. Aquele foi um período realmente grave, terrível, que quem estava na clandestinidade ou na semiclandestinidade viveu com muito impacto: eram mortes, prisões, torturas, pessoas que iam para a televisão, aquela situação triste, constrangedora, de delatar companheiros... As

organizações de esquerda passaram a mandar as pessoas para o exterior. Foi um período de derrotas.

## **Na Juventude do MDB**

*Como o senhor se aproximou do MDB?*

Como acabei de dizer, a eleição em 1974 do Edson Khair e do Lysaneas Maciel, aqui no Rio, para nós foi surpreendente. Ao mesmo tempo, os autênticos do MDB passaram a ser um referencial, denunciando as torturas, enfrentando a repressão. Tenho a maior admiração pelo papel que eles representaram naquele momento. Graças à coragem de homens públicos como Lysaneas, por exemplo, muitas vidas foram poupadas. Os advogados de presos políticos, como Marcelo Cerqueira, Modesto da Silveira, Oswaldo Mendonça e muitos outros certamente têm um lugar na história pelo que representaram.

*Quer dizer que foi a partir de 1974 que o senhor começou a se dar conta da importância do processo eleitoral?*

Foi. Em 1970 eu fiz a campanha do voto nulo, mas 1974 foi uma eleição que ninguém esperava, nem a ditadura, nem nós: o MDB teve uma votação altamente expressiva em todo o Brasil, e então nós, da UJP, vimos que era importante ter uma participação partidária e legal. E o PC do B definiu que eu era um quadro talhado para esse tipo de coisa. Eu ainda me lembro do encontro que tive com um membro da executiva do partido para discutir a minha participação no MDB. Uma noite encontrei com um velhinho que me foi apresentado pelo meu assistente, e andamos durante muito tempo por uma rua no Méier. Ele disse que era importante mesmo eu participar e que durante algum tempo eu ficaria desligado do partido e só seria procurado em determinados momentos. Fiquei muito emocionado de me encontrar com aquele dirigente. Os velhos do partido eram objeto de verdadeira veneração por nós, mais jovens. Encontrar com um deles, homens que viviam completamente na clandestinidade, era uma emoção só, era muita honra! Nomes como João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar, Ângelo Arroyo, eram o máximo para mim e



para todos os militantes. Mais tarde eu soube que esse homem com quem falei era o Armando Teixeira Frutuoso, que tinha o nome de guerra de Juca. Frutuoso foi preso mais tarde, antes ou próximo da minha prisão, e desapareceu. Foi torturado, dizem, barbaramente, e até hoje o governo não reconhece a sua prisão. Muitas pessoas falaram com ele no cárcere.

*Sua militância na esquerda clandestina não era um empecilho a uma vida partidária legal?*

Não. Como eu tinha um emprego, e o meu nome era desconhecido — conheciam apenas o meu nome de guerra, mas não o meu nome legal —, não houve impedimento. Era muito interessante, porque eu tinha uma vida compartimentada mesmo. De um lado, ia a acampamentos, participava da vida dos jovens da época, mas eles não sabiam o que eu fazia. De outro, as pessoas que participavam comigo da vida clandestina também não sabiam o que eu fazia fora dali. Mas aí o PC do B achou o seguinte: “Vamos acabar com isso. Você passa a ter uma vida só, legal.”

*Foi o partido que lhe propôs isso ou foi o senhor que propôs isso ao partido?*

Eu propus. Nós estávamos numa situação muito difícil, tinha havido muitas quedas na UJP, enfim, não havia saída. Por outro lado, fiquei impressionado com a luta dos autênticos, do Lysaneas, para conseguir legenda e concorrer. Eu me lembro do mandado de segurança, quando eles foram para a TV, contra as ordens do Chagas Freitas, ao vivo, no programa do MDB. Foi aí que eu disse ao pessoal do PC do B: “Isso que nós estamos fazendo não tem futuro, as pessoas estão caindo diariamente. Só temos queda, só prisão. Enquanto isso, há um movimento que está acontecendo, e temos que participar disso.” Eles ficaram tocados com a minha argumentação. O PC do B era um partido muito cauteloso, não era muito rápido nas decisões, mas afinal o meu assistente, que era o Delzir Antônio Matias, achou que estava bem: “Vamos ver no que vai dar.” Conversei com o Frutuoso e me filiei ao MDB. Um outro mundo se abriu, uma outra vida começou então para mim. Havia reuniões, assembléias que tratavam de política, com jovens participando. Minha

entrada no MDB foi em 1975, em plena guerra pelo controle político do partido entre as facções de Chagas Freitas e de Amaral Peixoto.

*O senhor foi para o MDB sozinho, ou havia outras pessoas na mesma situação?*

Fui sozinho. Fui para a Juventude do MDB, que se reunia ou na avenida Almirante Barroso, no Rio, próximo de onde era o Curso José Oiticica, ou num território livre, que era Niterói. Muitos dos jovens que participavam da Juventude do MDB tinham alguma ligação com outras organizações clandestinas. Havia gente do MR-8, da AP, do PCB, mas, é lógico, ninguém dizia que era de outro partido, todo mundo escondia o jogo. Você identificava as pessoas pelo faro e por algumas coisas. Por exemplo: se falasse em governo popular, era MR-8; em Constituinte, era mais PCB... Era muito interessante. Alguns não tinham mesmo ligações, mas em geral as lideranças tinham contato com organizações clandestinas. Encontrei pessoas fantásticas ali. Gostei daquilo, foi bom, diferente daquele trabalho anterior.

*Por que Niterói era um “território livre”?*

Niterói era o centro político da Juventude do MDB muito em função, pelo menos para nós, de um deputado que era do PCB, Alves de Brito, e do grupo do partido em Niterói. Eles criaram aquele espaço ali, e Amaral foi deixando; Moreira Franco também, era jovem. Eles foram deixando, e aquele espaço foi acontecendo. E era ali que nós íamos tomando contato com as coisas.

*Havia uma ala chaguista nessa Juventude do MDB?*

Não. A Juventude era fundamentalmente de esquerda, mais ligada aos autênticos. Era protegida pelo Amaral Peixoto e pelo Nelson Carneiro, que era outra figura importante, e Chagas não se metia. Nós é que pedíamos a sala, fazíamos reuniões... Eram reuniões grandes, com muita gente. E nós nos balizávamos em alguns parlamentares. Lysaneas, é

lógico, Edson Khair, Jorge Moura,<sup>5</sup> Aluísio Gama,<sup>6</sup> que era uma novidade, um cara muito jovem eleito pela Igreja naquela área da Leopoldina... Havia também a Rosalice Fernandes, que era outra figura importante, filha do Oton Fernandes, líder dos operários da CSN, havia o Alves de Brito... Alves de Brito já tinha aquele grupo dele, mais fechado, que era o pessoal do PCB de Niterói. Aliás, o PCB, como o MDB, também teve um problema com a fusão, porque eles tinham dois diretórios, um na Guanabara e outro no Estado do Rio. O PC do B não teve isso porque havia um diretório só, a chamada Regional Leste. Pegava tudo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, e não tinha tanta gente. Era um partido menor.

## A prisão

*Quando o senhor foi preso?*

Fui preso em abril de 1975, logo depois de entrar para o MDB, em plena luta Chagas-Amaral. Apenas para lembrar, no começo da fusão, como o estado continuou sendo estado do Rio de Janeiro, Amaral ficou com o controle do diretório regional, inclusive do diretório da Guanabara. Na verdade, porém, ele não tinha as bases das zonais da Guanabara, que continuavam ligadas ao Chagas. As correntes aliadas ao Amaral, que eram Nelson Carneiro e a esquerda, em articulação com o diretório nacional, decidiram então que seria feita uma intervenção nessas zonais, e fizeram-se várias reuniões para definir os interventores. Essas reuniões eram feitas na Almirante Barroso e eventualmente em Niterói. Na verdade, Amaral tinha o QG dele montado em Niterói, e quem operava mais aqui no Rio era Nelson Carneiro.

Fez-se então o acerto para ver quem ia ser interventor, uma listagem enorme, sob o controle do Nelson, e me indicaram para entrar nessa listagem. Àquela altura eu já tinha me

---

<sup>5</sup> Jorge Moura foi eleito deputado federal pela Guanabara na legenda do MDB em 1974, com o apoio do grupo autêntico. Em agosto de 1978, apresentou na Câmara um abaixo assinado de intelectuais reivindicando a liberdade de criação e condenando a censura. Nas eleições de 1978 obteve apenas uma suplência, mas assumiu a cadeira em janeiro de 1980. Com o fim do bipartidarismo, filiou-se ao PP, que seria depois incorporado ao PMDB. Não conseguiu se reeleger em 1982. Ver *DHBB*, op. cit.

<sup>6</sup> Aluísio Gama foi eleito deputado estadual na Guanabara em 1974 na legenda do MDB, e reeleito no estado do Rio de Janeiro em 1978 e 1982, da última vez já na legenda do PMDB. De acordo com Paulo Duque, ex-deputado estadual chaguista, Aluísio Gama era no início da sua vida política amaralista com tendência à esquerda. Ver *Paulo Duque* (Rio de Janeiro, Alerj/FGV, 1999), p. 114.

tornado conhecido, achavam que eu tinha habilidade. Eu também tinha começado a dialogar mais com o Lysaneas, que era uma pessoa muito afável, e com aquelas lideranças que ele tinha no Jacarezinho e em outras áreas populares. Uma delas era o Irineu Guimarães, que depois foi presidente da Faferj numa campanha memorável, quando as esquerdas tomaram o controle da federação e passaram a organizar as Associações de Moradores das Favelas, que hoje estão nas mãos do tráfico de drogas e do Comando Vermelho. Lysaneas tinha um grupo muito aguerrido dentro da Juventude do MDB e me indicou para interventor na cota dele. Cada deputado indicava pelo menos uma pessoa. Eram cinco interventores para cada zonal, havia 25 zonais aqui no Rio, e fui indicado para ser um dos cinco interventores na 19ª zona, no Grajaú. Você só podia ser indicado onde tinha o seu título de eleitor.

Mal acabei de ser indicado, após aquela briga toda, fui preso! Eu morava na praia da Bandeira, na ilha do Governador, e eles invadiram a minha casa. Foi num domingo de sol. A Rosa, minha mulher, gostava de cozinhar e tinha feito uma dobradinha. Eu tinha chamado uns amigos para comer, e um faltou. O que foi, foi preso também. Cercaram o prédio e invadiram o apartamento. Eram vários carros, me botaram um capuz e me levaram.

Eu continuava mantendo contato com o PC do B. Nessa época nós tínhamos evoluído um pouco na questão do “ponto”. Muito freqüentemente as pessoas “caíam”, ou seja, eram presas no chamado ponto, quando iam se encontrar com alguém. Meu assistente, o Delzir, montou então o seguinte esquema: toda quarta-feira, às quatro horas da tarde, eu saía do INPS e, de quatro às cinco, passava por uma determinada rua. Num determinado momento, se fosse do interesse dele, ele me abordava. Como eu era o legal, eu podia estar contaminado. Ele afinal me pegava e nós conversávamos ali, acertávamos coisas, eu dava informes sobre como estava a situação na frente legal, no MDB, e ele também me dava informes da vida partidária, trocávamos coisas etc. Eu levava dinheiro, porque era minha tarefa também recolher dinheiro de uma rede de amigos que eu montara para sustentar o partido. Fazia isso pelo menos uma vez por semana.

*Na Juventude do MDB o senhor era identificado como membro do PC do B?*

Era. Mas eu explico. Naquela época eu me dava muito, por exemplo, com o Antônio Carlos de Carvalho, o Tônico — embora achasse esquisito ele me dizer que ainda era a

favor do voto nulo e que estava ali para aproveitar aquele espaço... Ele era líder da Faculdade de Engenharia da UFRJ, figura notável, muito corajoso, tinha um excelente discurso. Nós nos tornamos amigos na política, mas ele não sabia nada sobre a minha vida clandestina. Nunca declarei que era PC do B. Agora, todo mundo sabia que todo mundo estava ali representando uma corrente política. As outras pessoas da corrente política idêntica à sua iam se aglutinando em torno de você. Você ia criando uma base, ia se reunindo fora, levava amigos para participar do MDB... Eu mesmo levei muitos amigos que não queriam participar da luta armada ou da luta clandestina, mas que topavam participar do MDB. Naquele momento o MDB passou a ser um chamariz, e muitas pessoas começaram a se dirigir para lá. O Ivan Pinheiro, que hoje está no PCB, também veio nesse período.

*Lysaneas Maciel o identificava como membro do PC do B?*

Lysaneas estava muito envolvido com a luta. Era um líder, a maior liderança da esquerda no estado naquele momento. Era deputado federal, viajava muito... Eu nunca conversei sobre isso com ele, mas ele devia saber. Quando fui indicado, Nelson Carneiro teve uma certa rejeição: “Mas esse rapaz é meio radical não é? Quem é ele?” Eu me lembro até que o Tite Borges, que na época era muito ligado ao Nelson, era como um assessor direto dele, um dia me disse: “Ô rapaz, você deu trabalho, foi duro convencer o Nelson Carneiro a te indicar...” Mas o meu nome saiu e fui indicado, o que dava *status*. Poucos foram indicados, só as principais lideranças. A nossa incumbência era reorganizar o diretório, quer dizer, tirar o pessoal do Chagas, só que o Chagas foi para a Justiça. Chagas tinha um excelente grupo de advogados, entre os quais um que era um águia: o dr. Pareto. Era a pessoa chamada para esse tipo de coisa.

Mas o fato é que eu passei um período fora da luta, porque fui preso. Fiquei preso um ano. Quando eles me levam para o Doi-Codi, assim que entrei lá, encapuzado, me perguntaram quem eu era, o que fazia, e respondi: “Eu sou do MDB.” Eles: “MDB nada, rapaz! Você é do PC do B, e o seu codinome é Davi.” E passaram a falar no nome do Delzir e de outros. Todas as pessoas ligadas a mim, da estrutura clandestina, estavam presas. Então eu passei um período ali, pois eles queriam que eu dissesse o paradeiro de

várias pessoas. Que eu não sabia, porque como eu me desliguei da estrutura clandestina, não sabia mais. As informações que eu tinha já estavam superadas havia muito tempo. Eles tinham fotografias minhas de seis meses atrás. Fizeram um trabalho muito minucioso de levantamento da minha vida. Naquele momento, na área de repressão política, eles estavam com uma boa experiência, tinham atingido o limite máximo de sofisticação.

Uma parte do meu depoimento foi sobre o PC do B, mas eles não estavam muito preocupados com essa questão. Na verdade, estavam preocupados com a questão do Lysaneas. Achavam que, se eu tinha sido indicado pelo Lysaneas, era amigo dele; portanto, Lysaneas era do PC do B. Simples, não? Queriam uma base para cassar o mandato dele. Ele era o grande inimigo. A minha prisão se deu no intuito de desarticular toda a estrutura do PC do B nas cidades, para impedir o apoio à guerrilha que ainda se mantinha, e também para desarticular a ação junto ao MDB. Eles também tinham ficado muito impressionados com o resultado das eleições. E o Lysaneas, no nível do Rio de Janeiro, era uma peça-chave no jogo político. Ele tinha montado uma Comissão de Direitos Humanos que denunciava internacionalmente os casos de mortes e torturas no Brasil. Eles queriam me forçar a dar um depoimento na televisão, dizendo que o Lysaneas contribuía financeiramente para o partido. Eu me recusei, é lógico. Não faria isso de forma nenhuma!

Ao mesmo tempo, eles não podiam me matar, pois todos já sabiam da minha prisão, porque o Tônico se movimentou rapidamente e publicou um manifesto denunciando o fato na imprensa. Acho que na época até houve problema com o Amaral em Niterói. Eles ficaram muito aterrorizados, porque *O Dia* colocou na manchete: “Comunistas no MDB!”. Todos os dias saíam artigos sobre mim, dizendo que eu era um comunista perigoso, para demonstrar aos delegados do MDB que havia infiltração no grupo do Amaral. A questão era desgastar o Amaral antes da convenção, que acabou não acontecendo, pois o caso foi parar na Justiça. Esse manifesto da Juventude do MDB deixou o pessoal do Doi-Codi muito contrariado, mas aí eu senti também que a minha vida ia ser poupada.

Eles montaram um dossiê sobre mim no Doi-Codi. Aliás, eu acho que uma grande contribuição que poderia ser dada à história do país seria nós conseguirmos ter acesso a esse tipo de documento. O documento que existe no Dops é diferente do documento do Doi-Codi. No meu caso, só 21 dias depois de ser preso foi que eu saí do Doi-Codi e fui para o Dops, como se estivesse sendo preso naquele dia. Passei então a dar um segundo

depoimento, que é o que está nos arquivos do Dops. Mas os dossiês do Doi-Codi, sobre todos os presos políticos, são uma documentação valiosíssima. Ali a coisa é real. É a prova de que muitas pessoas foram assassinadas. No meu processo está o Armando Frutuoso. Nós vimos o Armando Frutuoso lá no Doi-Codi. Eu não vi, mas ouvi os gritos dele. O Delzir viu. E não consta a prisão dele. Ele desapareceu dentro do Doi-Codi. Também em relação ao Delzir, eles montaram uma simulação de atropelamento. O que não foi verdade. Ele foi espancado de tal forma que teve que ir para o hospital e ficou internado entre a vida e a morte. Isso em pleno período da distensão lenta e gradual... Ele tem seqüelas até hoje.

Quando eu estava sendo interrogado no Doi-Codi, dois dias depois, começou a chegar gente nova, que eu soube que era da gráfica do PCB, dirigentes do comitê regional do partido. Tudo em função da prisão daquele ex-deputado Marco Antônio, que conheci também na prisão. Era um verdadeiro inferno, gritos de dor por todo lado. Embora nesse momento eles tenham me aliviado um pouco, porque era muita gente. Eles eram muito bem organizados. Fizeram uma reforma no quartel da PE e tinham salas com ar condicionado, um porão onde você ficava, um negócio muito branquinho, bem feito. E tinha o setor de interrogatório: aí você saía de carro, rodava dentro do próprio quartel e ia para outro lugar onde existiam salas acústicas com um púlpito onde o inquisidor subia para interrogar com aparelhos de choque elétrico. Eram três salas. Tinha a que eles chamavam “manjador”, que ficava no meio, onde eles ficavam nos observando, e tinha as três “geladeiras”. Isso nunca foi mostrado a ninguém. Foi uma obra grande, ali no quartel da PE, na Mariz e Barros, na Tijuca. Um dia isso vai ter que aparecer, não é? Ninguém pode sumir com isso totalmente.

Enfim, depois do Doi-Codi fui para o Dops, e depois veio aquele período da prisão, em que reencontrei várias pessoas. Fui para Bangu, onde estava o pessoal da luta armada que tinha vindo da Ilha Grande, onde já vinha cumprindo muitos anos na cadeia. Eles vieram para Bangu depois de uma luta pela transferência da Ilha Grande, pois lá não existia segurança para as suas vidas. Houve uma famosa greve de fome, que o pessoal fez para sair de lá. Houve uma luta armada lá na Ilha Grande com os presos comuns, uma guerra mesmo, para ver quem dominaria o presídio. Os grupos de esquerda acabaram dominando. Foi aí que se criou o embrião para a formação do Comando Vermelho, fruto da influência do Januário Pinto, meu amigo, que tinha sido da Ala Vermelha. Eu o tinha recrutado para a Ala Vermelha quando estávamos no Rivadávia Correia. Ele era morava na Tijuca, sua família

era ultracatólica; ele tinha, inclusive, um tio que na época era monsenhor e um irmão que fazia carreira no Vaticano. A família jantava unida, todos na mesa, o pai na cabeceira etc. De repente tudo mudou. Veio o AI-5, a repressão, e a família ficou completamente destruída. Ele entrou na luta armada e acabou sendo preso. O irmão mais novo, Marcos Pinto, foi massacrado a golpes de baioneta, na invasão de um aparelho em Quintino. A irmã mais nova, a Fátima, que tinha 15 anos, foi presa e barbaramente torturada, para dizer o paradeiro dos irmãos que estavam foragidos. Prenderam também o pai. A mãe enlouqueceu. Foi uma tragédia! Louzeiro, o escritor, tem a vida dele levantada para fazer uma biografia.

Januário, dentro do presídio, tornou-se muito amigo de alguns presos, alguns com uma origem de classe média, como por exemplo o Lúcio Flávio. A partir daí o seu referencial deixou de ser as organizações de esquerda e passou a ser os seus novos amigos, assaltantes de banco. Ele deu uma conotação social às ações individuais dessas pessoas. Tinha um discurso muito parecido com o que tem hoje o Escadinha. Ele antes era da Juventude Estudantil Católica e muito ligado ao Chico Alencar, que era estudante do CAP da Uerj e um dos principais líderes da JEC. A JEC nos dava um apoio muito grande, pois, devido ao fato de ser uma organização da Igreja, não foi desbaratada e mantinha uma estrutura legal, com mimeógrafos, papel etc. Eles funcionavam num prédio na esquina da rua São José com Rio Branco, que aliás pertence à Igreja, e o Chico nos liberava o uso das máquinas de escrever, dos mimeógrafos. Mas o fato é que o Lúcio Flávio e os seus amigos gostaram da forma como o pessoal da luta armada conduziu aquela guerra. Pois foi uma guerra mesmo, por espaço, por poder. O pessoal andava armado com soquete, ninguém dormia... O pessoal de esquerda tinha disciplina, todos eram guerrilheiros e logo dominaram o pedaço. Os presos comuns não tinham nenhuma organização centralizada, dançaram mesmo. Aí, o governo, depois de uma longa greve de fome e de manifestações dos familiares dos presos políticos, resolveu tirá-los da Ilha Grande e eles vieram para Bangu.

O tempo que eu convivi com esse pessoal em Bangu foi um período maravilhoso da minha vida, embora eu não tivesse liberdade. Ali estavam pessoas inteligentes, cultas, interessantes: César Benjamin, que era um garotinho, foi preso muito novo. Os presos tinham o maior respeito pelo César, porque ele fazia as petições para os presos comuns, lia para eles quais eram os seus direitos. Por isso sobreviveu, sozinho entre os presos comuns. Era menor naquela época. Chamavam-no de “Menininho”, e a ditadura não reconhecia a sua



prisão. Nós travamos uma luta constante dentro da prisão, que eu acho que é importante registrar, porque a ditadura não nos reconhecia como presos políticos, nunca reconheceu, nós éramos presos da Lei de Segurança Nacional. A luta começava, dentro do presídio, no sentido de não aceitarmos usar uniforme, de não nos submetermos ao chamado rigor carcerário. Há uma lei que determina que o preso, para falar com um policial, tem que ficar com as mãos para trás e cabeça baixa; tem todo um ritual. E nós não aceitávamos isso. Enfim, fiquei ali, e um ano depois, em maio de 1976, fui libertado.

## **As eleições de 1976 e 1978**

### *Como foi a saída da prisão?*

Quando saí da prisão, me liguei à vida legal. Quer dizer, o partido não me procurou, a orientação era não procurar durante um período, até que as coisas estivessem mais claras. Voltei ao meu emprego, pois o INPS só poderia me mandar embora se o meu processo fosse transitado em julgado, como manda o estatuto do funcionário público, e quando fui julgado, fui absolvido. Entrei então com uma ação e fui reincorporado. Passei também a participar da sucursal do jornal *Movimento*,<sup>7</sup> no Rio de Janeiro, que era dirigida pelo jornalista Raimundo Pereira, com o apoio de muitos intelectuais. Era um centro de aglutinação política. Lá conheci Raymundo de Oliveira, que tinha interesse em ser candidato a deputado em 1978. Mas antes disso houve a eleição municipal de 1976.

### *Como lhe pareceu a situação no MDB nesse momento?*

---

<sup>7</sup> O semanário paulista *Movimento* foi lançado em 7 de julho de 1975 por jornalistas saídos do semanário *Opinião*. Tinha, de acordo com seus fundadores, o objetivo de “servir ao movimento popular e democrático”. Integraram seu primeiro conselho editorial, entre outros, José de Alencar Furtado, Edgar Godói da Mata Machado, Fernando Henrique Cardoso e Orlando Vilas-Boas. Foi o primeiro órgão de imprensa a levantar a bandeira da Assembléia Nacional Constituinte. Dedicou-se ainda a acompanhar as divergências entre os militares, a esclarecer “episódios ocorridos no período fascista”, e a denunciar a dependência econômica e a dívida externa do país, bem como as condições de vida dos operários e as lutas pela terra. Tais posturas fizeram da publicação um alvo constante da censura até 1978: inúmeras matérias foram inutilizadas e cinco números foram apreendidos. Em 1981, enfrentando uma crise financeira, o jornal encerrou suas atividades. Ver *DHBB*, op. cit

Aquele espaço da Almirante Barroso já não existia mais. Chagas tomara conta de tudo. Voltamos novamente para Niterói. Não conseguíamos nem mesmo entrar na Almirante Barroso! Era tudo estranho: pessoas estranhas, deputados que não conhecíamos. Nesse momento o Tônico me procurou, dizendo que era candidato a vereador no Rio e que queria que eu o apoiasse. A coisa aí foi colocada mais claramente: ele já sabia que eu era do PC do B, e eu, que ele era do MR-8. Respondi: “Não estou em contato com o meu partido, não tenho nenhuma orientação, mas vamos apoiar você.” Não somente o PC do B o apoiou, como todas as organizações de esquerda. Tônico passou a ser um aglutinador. Quando cheguei, eles estavam meio desbaratados, a coisa estava muito confusa, em função de o Amaral não ter levado a melhor na luta com o Chagas, mas pouco depois houve a eleição, e Tônico foi eleito vereador.

*Ele não era a favor do voto nulo...?*

Quando saí da prisão encontrei um Tônico diferente. O Tônico que eu conheci, no período em que fui preso, andava de sandália, era estudante. Estava no MDB, mas ainda tinha a posição do voto nulo. Aí vinha a pergunta: “Por que vocês estão aqui?” Era mais para fazer movimento de agitação, não era para se lançar candidato. Eu também não tinha nenhuma autorização do PC do B para me lançar candidato, estava lá no sentido de me aproximar daquele movimento e de crescer junto com ele. A posição oficial do PC do B também era de voto nulo, mesmo depois de 74. Era uma posição muito antiga, mas já existiam movimentos. Soube depois que em outros estados, como São Paulo, o partido já tinha militantes no MDB.

*Como Tônico justificava essa mudança de posição, do voto nulo para a candidatura?*

Acho que no sentido de que a luta democrática se ampliara. O MR-8 compreendeu essa questão. Havia um refluxo na luta armada. Não existia mais perspectiva nenhuma nesse sentido. E a luta democrática vinha crescendo em todo o país. O grupo dos autênticos do MDB estava crescendo, foi criada também a Tendência Popular do MDB... Vários deputados autênticos eram ligados ao PC do B, ao MR-8, ao PCB.

*Vocês apoiaram a eleição de Moreira Franco para a prefeitura de Niterói?*

Eu, particularmente, não, mas a esquerda de modo geral apoiou. O Moreira abria muito espaço para a esquerda, e aí sim, o diretório de Niterói passou a viver o seu auge. Todas as candidaturas foram lançadas ali. A candidatura do Raymundo, para 78, passou a ser também um ponto de aglutinação muito grande. As duas correntes políticas principais que o apoiaram foram o MR-8 e o PC do B.

*Mas Raymundo de Oliveira teve dificuldade de obter legenda...*

Sim. Quando eu estava preso, aconteceu de o Lysaneas ser cassado e ir para a Suíça, mas havia várias candidaturas importantes para a esquerda. As principais, no plano federal, eram Modesto da Silveira e Marcelo Cerqueira. Aliás, quando estava preso conheci o dr. Modesto da Silveira, renomado advogado de presos políticos, que dividia o escritório com o meu advogado, dr. Oswaldo Mendonça, e conheci também o dr. Marcelo Cerqueira. Todos atuaram no meu processo, que tinha mais de 20 acusados. Modesto e Marcelo lançaram-se candidatos a deputado federal, apoiados por uma ala do PCB, e para deputado estadual havia as candidaturas de Raymundo de Oliveira, Heloneida Studart e José Eudes. O Eudes tinha uma situação interessante. Ele era da AP, não da AP que se extinguiu e se fundiu com o PC do B, mas de um outro grupo que não reconheceu essa dissolução e se aglutinou em torno do Eudes. Nós nos definimos por lançar a candidatura do Raymundo de Oliveira numa tarde de sábado, lá em Niterói, no MDB. Nesse dia o grupo do Eudes não nos acompanhou e lançou a candidatura do Eudes a deputado estadual, concorrendo com o Raymundo. Ali nós nos dividimos. Na convenção do MDB o Eudes conseguiu a legenda com o Chagas, e Raymundo não. Foi um baque muito grande na campanha. Era uma campanha enorme, com várias salas etc. Eu era um dos dirigentes da campanha, junto com o Tônico e alguns outros elementos do MR-8.

*Quem garantiu a legenda para Raymundo de Oliveira foi Amaral Peixoto?*

Não. Amaral estava sem poder, só tinha controle do diretório municipal de Niterói. Quem garantiu a legenda foi o Chagas. Mas nós negociamos com um personagem novo: chamava-se Miro Teixeira. Nós não conhecíamos o Miro, não conhecíamos a máquina chaguista — conhecíamos pela imprensa, mas não pessoalmente — nem ele nos conhecia. Decidimos então o seguinte: no dia da convenção, levar a campanha toda para a o Palácio Tiradentes, local do evento. Foi uma verdadeira invasão dos rejeitados. Aquela convenção toda certinha, e nós lá, de megafone em punho, faixas etc., gritando contra o Chagas, pedindo legenda para o Raymundo.

*Parece que nesse momento Miro Teixeira teve uma reunião com com Raymundo de Oliveira, não?*

Exatamente. Chagas nunca teve um contato direto conosco. Nunca teve interesse. Há aliás um episódio que eu quero ressaltar na minha prisão, que foi o seguinte: em vários momentos fui interrogado sobre a situação interna do MDB; muito sobre a questão do Lysaneas, mas também sobre a questão do Amaral. Eles queriam mostrar que havia uma ligação do Amaral com um esquerdista como eu, comunista antigo, perigoso. No interrogatório, existia um personagem, que eu não vi porque estava de capuz — sempre, nos interrogatórios, nós estávamos de capuz; quando era feito sem capuz era para você se preocupar, porque não ia sair dali com vida —, e esse personagem se dizia emissário do Chagas. Ele dizia assim: “O dr. Chagas está muito preocupado com o que está acontecendo aqui. De onde você veio, o que você quer fazer realmente no MDB, qual a sua ligação com o Lysaneas? Ele está contribuindo para o PC do B?” Queria saber quem era o Tônico, quem era a Juventude do MDB. E nesse momento manifestava opinião: “Nós vamos colocar o Lysaneas aqui, vocês não têm futuro. O dr. Chagas está conduzindo muito bem o processo eleitoral interno. Ele vai ganhar, temos certeza.” Ou seja, aquele aparelho de informação, aquele aparelho repressivo, tinha ligação efetiva com o Palácio.

Na campanha de 1978, não somente o Raymundo ficou de fora, como várias outras personalidades. Existia um major da PM que ia para Niterói e fazia uns discursos muito interessantes. Eu achava até meio arrojado: um major da PM! Era o Paulo Ramos. Também não teve legenda. Muitos dos candidatos que foram preteridos mais tarde foram para o

PDT, como o Colagrossi, por exemplo. A convenção no Palácio Tiradentes correu normalmente, sob o nosso protesto nas escadarias, e já no finalzinho o Miro chamou o Raymundo e disse que queria conhecê-lo. Foi feita uma reunião deles, pequena, lá mesmo, e foi marcada uma outra reunião numa churrascaria, para acertar a questão da legenda. Miro disse que eles iam resolver, e o Raymundo ficou encantado com o Miro. Miro era muito jovem, ativo, era uma pessoa impressionante. Realmente, a primeira vez que o vi, fiquei muito impressionado com a desenvoltura dele, com a intimidade com o poder. Era o segundo homem da máquina chaguista.

*O senhor participou dessa reunião entre Raymundo de Oliveira e Miro Teixeira?*

Sim. Eu e mais umas duas pessoas, se não me engano. E ali eles abordaram a questão da legenda. Eu até me lembro que o Raymundo fez uma pergunta assim: “Mas como é que eu vou poder ter a legenda, se já houve a convenção?” Miro disse: “Raymundo, nós já resolvemos aqui, politicamente, o que tinha que ser resolvido; agora, nós vamos chamar o Pareto” — era o tal advogado — “e ele vai resolver juridicamente a questão.” A coisa era resolvida assim.

*Qual o interesse de Miro Teixeira em dar legenda a Raymundo de Oliveira? Havia uma contrapartida?*

Não havia exatamente uma contrapartida. Ou melhor, havia, no sentido de o Miro tentar se aproximar dos setores de esquerda do estado, já pensando na sua candidatura a governador. Mas o discurso do Miro era um discurso bem moderno. Fiquei espantado. Eu, Raymundo, todos nós ficamos impressionados com a postura dele. Pensei que ia encontrar uma pessoa com um discurso conservador e me surpreendi. Na disputa, na convenção, ele foi um rolo compressor. Depois nos deparamos com ele querendo um acerto, abrindo as portas do MDB.

*Ele não pediu nem mesmo que vocês reduzissem as críticas a Chagas Freitas?*

Não. Nada disso. Ele não entrava nesse assunto. A coisa não estava colocada em termos do Chagas, estava se colocando mais em torno das candidaturas que estavam ali. Ele era candidato a deputado federal, e aliás teve uma votação estrondosa. A partir dali houve um processo de aproximação da esquerda. Nunca direto com o Chagas, sempre com o Miro, que tinha total autonomia. Eu participei de algumas reuniões.

*Antes das eleições de 1978, que deram ao próprio Chagas o segundo mandato de governador, foi feito um acordo entre as correntes de Chagas e de Amaral Peixoto. Esse acordo repercutiu nas bases de esquerda do MDB ou não teve expressão?*

Não teve muita expressão. Na verdade, nós da esquerda estávamos muito mais voltados, naquele momento, para outras questões. Estávamos desenvolvendo o trabalho dos comitês de anistia, os CBAs, que foram uma luta também importante. Essa luta se juntou à parte eleitoral, mas na verdade a nossa base de ação eram os CBAs. Fizeram-se as primeiras reuniões na Casa do Estudante Universitário, no CEU; depois, os CBAs foram crescendo nos estados e houve um encontro nacional aqui no Bennett. As organizações políticas todas jogavam peso ali para ver quem é que tinha hegemonia, quem é que controlava o movimento, outras questões mais. Estávamos muito voltados para isso, e também para a questão das legendas dos nossos candidatos. Até aquele momento não tínhamos a visão de controle do partido. A concepção de controle do partido só veio mais tarde, com os nossos candidatos eleitos.

*Já dentro do PMDB.*

Sim, pois seria um novo partido, zerado. Aí passamos a nos preocupar, mas de forma moderada, não como o MR-8, por exemplo, que não pensava em se legalizar. Mas em 1978 o principal eram os nossos candidatos, que iriam refletir o sentimento democrático e popular no Parlamento, iriam levar para lá a luta popular, os anseios da anistia, da Constituinte e outras coisas. Essas articulações visando ao controle do partido não passavam muito pelo seio da esquerda. Lógico que nós sabíamos o que estava rolando, mas não era uma coisa que nos mobilizasse. Alguns se interessavam mais. Marcelo Cerqueira,

por exemplo, era uma pessoa que estava mais integrada nisso; conquistou o mandato de deputado federal, era uma pessoa muito atuante nacionalmente, era o deputado mais badalado do centro-esquerda. Nós, o nosso grupo, do Raymundo, o víamos um pouco como pequeno-burguês. Não era popular. Era próximo do PCB. O nosso candidato oficial foi o Modesto.

A ala da esquerda em que eu circulava realmente não participou do acordo Chagas-Amaral. Por quê? Porque na medida em que nós passamos a lançar candidatos, nós nos afastamos do Amaral. Nossa aliança com ele foi pontual. Nós tínhamos uma aliança um pouco mais profunda com o Nelson, que era uma figura diferente. Com o próprio Moreira Franco, que o PCB apoiou em Niterói, a relação não era muito profunda. Eu me lembro que nessa convenção que o Chagas ganhou, Amaral tinha uma cota, minoritária, mas tinha. Me recordo disso porque quando nós não obtivemos a legenda, fomos à casa do Amaral com o Colagrossi, já que o Amaral tinha o acordo — que dizem que foi até escrito. Era natural que buscássemos apoio daquele setor com o qual tínhamos feito um caminho conjunto. A convenção acabou à noite, era um dia meio chuvoso, e nós ficamos lá, meio perplexos: “O que vamos fazer?” Foi uma crise. Raymundo conversou com Miro, mas não estava nada acertado. Objetivamente, tínhamos perdido. Achávamos que, dentro da convenção, poderíamos mudar, mas não houve mudança nenhuma. Então saímos dali, um grupo, não sei se o Paulo Ramos estava, sei que estava o Colagrossi, e dissemos: “Vamos conversar com o Amaral.” Fomos procurá-lo, e ele não nos recebeu. Fomos embora, sem legenda, sem nada, e fomos obtê-la pelo acordo com o Miro.

## **As eleições de 1982**

### *Quais foram suas atividades depois da eleição de 1978?*

Raymundo eleito, fui trabalhar na Assembléia, como chefe do gabinete dele. Era uma situação difícil, porque havia duas correntes, a do MR-8 e a do PC do B. Eu me dava muito bem com o Raymundo, ele sempre foi uma pessoa muito acessível, afável, mas era do MR-8 e vivia levando puxão de orelha porque me mantinha no gabinete. Eu continuava na chamada frente de massas, sem contato efetivo com o PC do B, mas, no transcorrer da

campanha, começaram a aparecer algumas pessoas que eu não conhecia, que o partido mandou fazer contato comigo. O comitê central já estava preparando a volta dos exilados, por causa da anistia, e eu já tinha um assistente, Rogério Lustosa, da frente ilegal. Era um membro do comitê central que morreu, até numa situação trágica: estava num parque em São Paulo, sentou, as pessoas passavam, inclusive amigos dele, viam ele sentado ali, mas não viam que estava morto. Teve um ataque do coração. Só foram descobrir na manhã seguinte.

Nessa época o PC do B também entrou numa luta interna. Começaram a surgir pessoas que estavam clandestinas e que diziam coisas diferentes. Havia nitidamente divergências entre elas. Uma parte desenvolvia uma política, outra não, mas todos eram PC do B. Fiquei muito confuso, não sabia afinal de contas quem era quem, onde estava a diretriz do partido, porque eu sempre buscava acompanhar a diretriz do comitê central. O pessoal começou a achar que era um absurdo eu estar na chefia do gabinete do Raymundo, que nós tínhamos que buscar um caminho próprio, até que um dia fiz uma carta e me desliguei do gabinete. Fiquei trabalhando no INPS e entrei para a UERJ, onde me formei como professor de história.

*Em julho de 1979 houve a última convenção do MDB antes da reforma partidária, e nela Chagas Freitas saiu com o controle absoluto do partido. Raymundo de Oliveira foi uma das pessoas que tentaram manter algum espaço na cidade do Rio de Janeiro. O senhor se lembra disso?*

Nós tínhamos muito pouca experiência de trabalho com convencionais, com diretórios. Na Assembléia havia um grupo pequeno, com Raymundo, Paulo César Gomes, Heloneida, Alves de Brito, Eudes... Se bem que o Eudes se mantivesse sempre distante da gente, mesmo tendo o gabinete próximo. Mas a política dele era diferente, tinha outras bases de apoio. Na convenção, Chagas deu uma lavada, realmente. Conseguimos alguma coisa na Zona Sul, pois tínhamos base ali, parece que na 16ª zona eleitoral, na 3ª também. A Olga D'Arc era da 3ª zona, que tinha um diretório atuante. Mas havia poucos diretórios de esquerda. No subúrbio, nem pensar. Tentei no Méier, contra aquela família do Laércio



Fonseca, e nada. Sem chance. Nós não estávamos preparados, não tínhamos condição nenhuma, recursos, dinheiro. Eles tinham a máquina partidária.

Quando saí do gabinete do Raymundo, fui mais para a luta, como nós chamávamos, democrática e popular. A questão da anistia. Tive lá um papel importante, mais como assistente. Na verdade, eu estava desenvolvendo esse trabalho fora do partido, representando o partido. Mas, paralelamente a isso, o partido estava travando uma luta interna muito profunda, que se passava dentro do jornal *Movimento*. O jornal *Movimento* rachou e inclusive afastou as pessoas do PC do B. A discussão central era sobre o papel do Araguaia. Foi aí que saiu o Genoíno, saíram vários grupos, que ajudaram a organizar o PT, que estava nascendo. O PT nasceu desse processo da anistia. O Eudes passou a ser o instrumento mais importante da aglutinação do PT aqui no Rio de Janeiro no nível parlamentar. O PC do B tornou-se um partido muito pequeno no Rio, e passei a fazer parte do comitê regional. O partido então começou a ver a possibilidade de me lançar candidato a vereador nas eleições de 1982.

*O senhor continuava no PMDB?*

Continuava. Quando o PMDB surgiu, fui um dos fundadores. Aí o partido era nosso.

*Amaral foi para o PDS, Chagas foi para o PP.... O PMDB ficou com a esquerda.*

Ficou com a esquerda. E com a candidatura do Saturnino a governador colocada. Aí começou o processo da fusão nacional do PP com o PMDB. O PC do B foi a favor. Toda a esquerda foi. Houve várias reuniões na casa do Marcelo Cerqueira e de outros, e todos foram a favor. Eu acho até que a junção do PMDB e do PP, em outros estados, era uma coisa mais administrável. Aqui foi mais complicado.

*Realmente, quando a esquerda tomou posse do PMDB, que era uma legenda o forte, o PMDB incorporou o PP, para receber de novo quem? Chagas Freitas! Qual era a lógica disso? O que estava na cabeça da esquerda para concordar com essa estratégia?*

No caso do PC do B, nós tínhamos uma análise que, no meu entendimento, era muito infantil. Vou contar como nós éramos. Por exemplo, falava-se em pesquisa eleitoral, e nós não acreditávamos naquilo. Sempre tive a visão de que a pesquisa é manipulada do ponto de vista total, e é mesmo. Mas desconsiderar, dizer que números estavam errados... Nós éramos bastante ingênuos. E o que balizava toda a nossa ação política era a questão nacional. Para nós, o Parlamento era meramente um espaço, como o espaço sindical ou outro qualquer. Na verdade, nós estávamos ali tentando criar as condições para o nosso partido poder botar a cabeça de fora. Um outro detalhe é que o Miro começava a se manifestar como uma pessoa bastante interessante. Não tanto como deputado federal; aí ele ficou muito afastado. Mas na questão da formação do PP, e depois da incorporação, ele teve um papel importante. Ele dizia que precisava da legenda do PMDB e nos cortejava de todas as formas. Era uma pessoa bastante acessível. E nós pensávamos o seguinte: “Ele é uma pessoa moderna, o Chagas está encerrando a carreira política dele...” Chagas não manifestava, não ia mais para a mídia, ficava trancado lá no Palácio, ninguém sabia exatamente o que ele pensava, e a máquina andava por si própria, aquela máquina colossal. Ele começou a fazer muitas obras, e aí os parlamentares, Raymundo, Modesto, Marcelo, também ficaram um pouco encantados com ele.

Paralelamente a isso, o que alterou o quadro foi que foram abertas várias opções. Houve o caso do PT, mas houve também a vinda do Brizola. Eu tinha muito contato com o pessoal dele na frente da anistia, principalmente o falecido deputado Brandão Monteiro, uma bela figura. Ele tinha um enorme escritório de advocacia e botava à nossa disposição mimeógrafo etc. Quando o Brizola voltou — o Raymundo inclusive foi ao Rio Grande do Sul para recebê-lo —, nós achávamos que ele viria para o PMDB. Seria o grande chefe da política nacional do PMDB, que era a política de frente. Para nossa perplexidade, Brizola veio com um outro discurso. Primeiro ele veio muito pisando em ovos, com uma postura bastante cautelosa. Foi ocupando o espaço dele ali, muito político, conciliador... E as pessoas passaram a se aglutinar em torno dele. Mas nós não dávamos muito valor àquilo. A sede deles era na Sete de Setembro, e ali se formou um outro tipo de partido. O Rio de Janeiro tinha uma elite política — tinha, hoje está decadente —, que passou a se expressar no PMDB junto com o Saturnino, da qual faziam parte Artur da Távola, Rafael de Almeida

Magalhães, João Carlos Serra, uma elite intelectual, muito Zona Sul, muito com cara de Ipanema, e no PDT, que aliás não era PDT, era PTB, o negócio era meio zoneado. Eu não conhecia aquelas pessoas do trabalhismo, não tinha idade na época. Nós tínhamos contato com eles, mas estávamos mais ligados àquela esquerda mais organizada, e não demos muita atenção àquilo ali. Quando foi feita a junção do PMDB e do PP, com o Miro candidato, nós jogamos pesado em cima disso. Acreditávamos que íamos alcançar o poder com o Miro.

*O MR-8 pensava da mesma maneira?*

O MR-8, de todos, era o único que não queria ser partido. O MR-8 era um movimento e depois virou MDB mesmo. Já nós, tínhamos aquela questão da tradição, da história do PC do B. O PCB também. Nesse sentido, o MR-8 se lançou mais na articulação dos diretórios. Ele fez uma aliança mais com o Chagas mesmo. Fez uma aliança, inclusive, com o Jorge Leite, que era o grande trator do Chagas.

*E o PCB? Também participava dos diretórios? Afinal, Marcelo Cerqueira foi ser o secretário-geral do partido, e em geral quem domina a secretaria geral influi na formação dos diretórios.*

O PCB participava, mas menos. O PC do B não participava. O parlamentar do PCB sempre teve uma autonomia muito maior do que o parlamentar do PC do B. O parlamentar do PC do B é um soldado. Quer dizer, o secretariado controla diretamente a bancada. É uma estratégia partidária diferente da do PCB, onde o cara tem mais liberdade, leva uma política mais pessoal. O fato é que nós nos lançamos de corpo e alma nessa questão da incorporação, e o processo eleitoral se deu nesse quadro. Ficamos achando que o povo ia reconhecer a nossa postura em relação a essa questão.

*O senhor foi candidato a vereador em 1982. Quem negociou a legenda? Miro Teixeira?*

Miro foi à minha casa. Não tive a menor dificuldade. Miro nos deu recursos, tudo. Apartir daí, Miro fez aquele discurso com um ataque às comunidades de informação. Aquilo ali, naquele momento, deixou todo mundo em polvorosa.

*O PC do B não teve nada a ver com os “luas pretas”?*

Não. Não tivemos influência porque ali era o Partidão mesmo: João Carlos Serra, Luís Henrique Bahia, Eurico Figueiredo... Miro se cercou desse pessoal. E nós jogamos tudo para eleger os nossos candidatos: Carlos Henrique Tibiriçá Miranda, como deputado estadual, e eu como vereador. Para federal apoiamos o Modesto. E nos aproximamos um pouco do Marcelo Cerqueira, que ia se candidatar à reeleição.

O voto era vinculado. Foi a pior experiência que eu tive na minha vida. Até então nós éramos os donos da rua no Rio de Janeiro, não havia ninguém que disputasse conosco. E aí surgiu um tipo de pessoa, um povo que eu nunca tinha visto na minha vida. Eu me lembro daquele livro do John Reed, *Dez dias que abalaram o mundo*,<sup>8</sup> que fala do congresso do partido, com os mencheviques e os bolcheviques, às portas da Revolução Russa. A maioria dos delegados era de bolcheviques, e as pessoas não sabiam como lidar com aquele tipo de delegado, que era totalmente diferente do outro, maltrapilho... John Reed diz uma frase assim: é como se das entranhas da Rússia, aquilo que estivesse mais escondido, começasse a sair. Eu nunca vi coisa igual! A eleição do Brizola foi uma eleição eminentemente popular. Apareciam carros dele com cédulas, e as pessoas avançavam para pegar aquelas cédulas. Foi uma coisa que varreu o Rio de Janeiro, a partir daquele debate na televisão, e nós ficamos completamente despreparados, atônitos, porque passamos a ser agredidos com a pecha que atribuíamos anteriormente ao chaguismo: “Ladrão! Corrupto!” “Mas, pô, e o meu passado?!” “Que passado, rapaz! Não tem nada de passado!” Foi uma verdadeira lavagem, a que fomos submetidos, e não elegemos ninguém. Minto. Elegemos o Sérgio Cabral, pai, vereador, porque o PCB deu apoio a ele.

---

<sup>8</sup> O livro *Dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed (1887-1920), jornalista norte-americano e militante socialista que cobriu a Revolução Russa de 1917, é um dos primeiros trabalhos sobre a revolução bolchevique. Perseguido nos Estados Unidos, Reed retornou à Rússia, onde morreu, de tifo, em 1920. Foi enterrado no Kremlin, junto a outros líderes revolucionários.

*Durante a campanha, Chagas não fez o menor movimento no sentido de barrar o avanço da esquerda do PMDB, as negociações de Miro com a esquerda?*

Não. Chagas ficou mudo. Uma coisa inexplicável. Cabe aí a gente desvendar o que houve. O único movimento que ele fez foi tomar aquele banho de rio para a mídia. Mais nada. Todo o processo foi entregue ao Miro. Miro foi quem comandou tudo. A grande discussão foi sobre quem seria o vice do Miro. Eu participei ativamente disso. Quem disputava ser o vice do Miro era o Paulo Rattes, de Petrópolis, que era deputado federal. E o Jorge Gama estava ligado ao Francisco Amaral, de Nova Iguaçu, bela figura. Jorge Gama tinha o apoio da esquerda, das comunidades de base e daquela parte de Nova Iguaçu, que na época tinha um movimento popular muito intenso.

*O senhor não acha que Chagas abriu muito à esquerda?*

Abriu, bastante. Ele não tinha nenhum grande nome para contrapor, as lideranças locais estavam muito envolvidas com suas próprias campanhas, no seu reduto, fazendo alianças inclusive com a esquerda.... Como a eleição era geral, você abria com um aqui, fazia aliança com outro ali... O próprio MR-8 fez aliança com o Jorge Leite, no interior também, com o Cláudio Moacir.

*A seu ver Chagas abriu mais à esquerda porque temia a candidatura Brizola?*

Não. Acho que o Brizola cresceu nos últimos momentos da campanha. Até então, a Sandra Cavalcanti é que era o grande divisor de águas. Toda a coisa estava traçada em torno da Sandra.

*Quer dizer, a candidatura preferencial seria mais à direita.*

É. E tinha o Moreira também. O Brizola não incomodava muito porque se fazia a leitura de que a esquerda estava representada naquele espaço do PMDB. Quando o Miro abriu a questão do Senado, ele fez isso dentro dessa visão, do chamado arco da sociedade.

Para quem participou da campanha, para nós, a vitória eram favas contadas. Tínhamos dinheiro, tínhamos a máquina, tínhamos a estrutura, a legenda, um candidato que para nós era bom, falante, intelectual, tínhamos os intelectuais fazendo reuniões de apoio, os músicos, Chico Buarque, enfim... Mas o debate na televisão mudou tudo. O povo do Rio de Janeiro optou por uma mudança radical, mais profunda, que foi eleger o Brizola. Que foi eleito, aliás bem, mas não conseguiu fazer a maioria, porque inclusive não tinha gente.

*Como ficou o PMDB depois da eleição?*

Ficou uma situação interessante, porque passou a haver dois PMDB: o PMDB na Assembléia, que aderiu ao Brizola, com a coalizão através do Cláudio Moacir e do presidente da Assembléia, Gilberto Rodriguez, e, do outro lado, o Jorge Gama, que manteve o PMDB vivo. Jorge Gama desempenhou um papel muito importante nesse processo, se contrapôs à política desenvolvida pela bancada. Aliás, uma observação: o grande problema dos partidos no Brasil, a não ser no caso do PC do B e do próprio PCB, é que eles não são partidos, não existe concepção partidária. Exemplo disso foi essa luta que se travou, quando o PMDB perdeu a eleição, entre os que não foram eleitos e ficaram com a máquina partidária, que eram o Jorge Gama, Raymundo etc., e os eleitos. Os eleitos não tinham o controle do partido, mas estavam pouco ligando, fizeram aliança com o Brizola. Como foi eleito sem maioria, Brizola fez coalizão com o PMDB.

Nós, da esquerda do PMDB, ficamos ali, derrotados, e usamos o PMDB como instrumento para as lutas populares. A coisa era interessante. O negócio das Diretas Já<sup>9</sup> começou na ABI, e consegui a representação do PMDB. Ninguém estava dando a menor bola para aquilo, cheguei lá, disse que queria representar o partido, foi formado um comitê pelas diretas, e eu era o representante do PMDB. Infernizei a vida do Brizola com isso,

---

<sup>9</sup> A campanha das Diretas Já foi um movimento político e social suprapartidário que pedia o retorno das eleições diretas para a presidência da República em 1984. A pressão ganhou força após a volta das eleições diretas para governador, em 1982. Um acordo entre os partidos de oposição – PMDB, PDT, PT e PTB – levou, em março de 1983, à apresentação de uma emenda constitucional do deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT) propondo eleições diretas para presidente. A partir daí tiveram início as mobilizações que culminaram numa série de comícios nos primeiros meses de 1984. Não obstante a mobilização de milhões de pessoas em todos os estados do país, a emenda Dante de Oliveira não foi aprovada na Câmara, e a eleição do primeiro presidente civil após 20 anos de governo militar ainda foi feita por via indireta. Ver *DHBB*, op. cit.

porque ele queria ter o controle dessa luta. A princípio, ele não acreditou na luta. Foi tocando o governo dele, e a luta foi crescendo. Houve um momento em que foi preciso juntar. Havia as organizações populares, os sindicatos, a Famerj, onde o Jó Rezende era um grande líder, e o Brizola ficava namorando ele, mas nós também ficávamos. Houve um avanço muito grande das associações de moradores. Foi nesse período que surgiram todas as grandes associações: Laranjeiras, Catete; eu criei a associação de moradores do Méier. E todas essas entidades se colocavam dentro da Famerj. Os congressos da Famerj eram congressos enormes, com muita gente. E no PMDB, como o Jorge Gama sempre foi um tipo de presidente muito liberal, passei a ter uma relação muito fraterna tanto com ele quanto com o Rattes, que era prefeito de Petrópolis. Que aliás deu uma sorte tremenda: como foi preterido na questão de ser o vice no Rio, concorreu à prefeitura de Petrópolis e ganhou. Não foi pego pelo vendaval...

*Em 1985 Jorge Leite foi candidato do PMDB à prefeitura do Rio e foi derrotado.*

Sim. Sofreu uma derrota fragorosa para o Saturnino, que tinha ido para o PDT. Aí mesmo é que o PMDB se enterrou. Mas nós ainda continuamos com as grandes lutas populares. Depois da campanha das Diretas, vieram a da Constituinte, a da Nova República, a da derrubada do Collor... Depois disso saí do PC do B e passei a viver um novo capítulo na minha vida política.